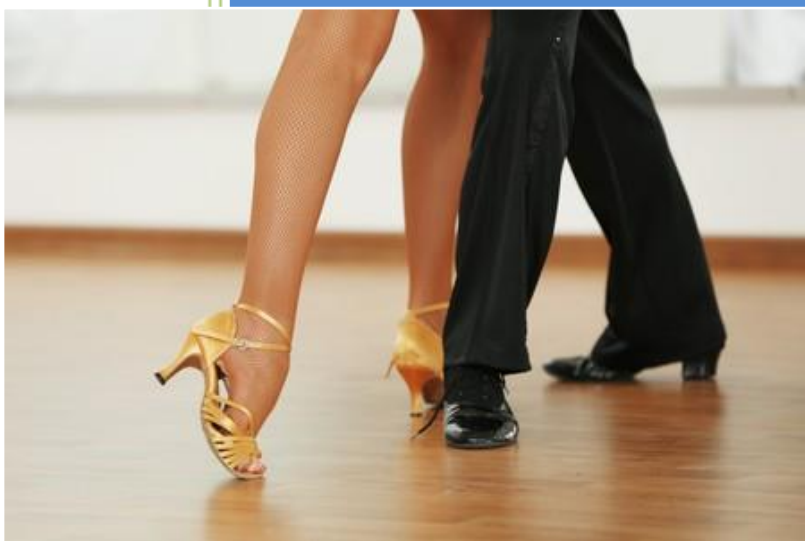


Dança



Dança

A dança é uma das três principais artes cênicas da antiguidade, ao lado do teatro e da música. No antigo Egito já se realizava as chamadas danças astro-teológicas em homenagem a Osíris. Na Grécia, a dança era frequentemente vinculada aos jogos, em especial aos olímpicos. A dança caracteriza-se pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos (coreografia) ou improvisados (dança livre). Na maior parte dos casos, a dança, com passos ritmados ao som e compasso de música e envolve a expressão de sentimentos potenciados por ela.

A dança pode existir como manifestação artística ou como forma de divertimento ou cerimônia.

Atualmente, a dança manifesta-se nas ruas, em eventos como vídeo-clip ou em qualquer outro ambiente em que for contextualizado o propósito artístico.

No dia 29 de abril comemora-se o Dia Internacional da Dança .

O surgimento da dança, se deu ainda na Pré-História, quando os homens batiam os pés no chão. Com o passar do tempo, foram dando mais intensidade aos sons, descobrindo que seriam capazes de criar outros ritmos, conciliando os passos com as mãos, através das palmas.

A história da dança cênica representa uma mudança de significação dos propósitos artísticos através do tempo.

Com o Balé Clássico, as narrativas e ambientes ilusórios é que guiavam a cena. Com as transformações sociais da época moderna, começou-se a questionar certos virtuosismos presentes no balé e começaram a aparecer diferentes movimentos de Dança Moderna. É importante notar que nesse momento, o contexto social inferia muito nas realizações artísticas, fazendo com que então a Dança Moderna Americana acabasse por se tornar bem diferente da Dança Moderna Europeia, mesmo que tendo alguns elementos em comum.

A dança contemporânea como nova manifestação artística, sofrendo influências tanto de todos os movimentos passados, como das novas possibilidades tecnológicas. Foi essa também muito influenciada pelas novas condições sociais - individualismo crescente, urbanização, propagação e importâncias da mídia, fazendo surgir novas propostas de arte, provocando também fusões com outras áreas artísticas como o teatro por exemplo.

Dança e Educação

A dança no contexto educacional brasileiro aparece como conteúdo da disciplina Artes e nas atividades rítmicas e expressivas da Educação Física. Na disciplina Arte a dança é trabalhada como atividade e linguagem artística, forma de expressão, socialização, como conceito e linguagem estética de arte corporal. Como atividade de arte cênica e para apresentações.

Já na educação física o propósito da dança é diferente podendo até se inserir como cultura corporal de movimento humano. Mas a abordagem da dança dentro do contexto da Educação Física é diferente da abordagem da dança no contexto da Arte.

Na educação física a dança é utilizada de forma instrumental, assim como a ginástica, os esportes e as lutas, deve focar o aspecto motor, biopsicossocial, como forma de atividade para condicionamento físico, emagrecimento, bem estar e saúde. Pode ser verificado em clubes, academias e demais espaços de lazer e ginástica.

A dança na educação física é uma atividade física instrumental e não artística, que assim como as demais atividades físicas, pode ser utilizada como ferramenta para a melhoria do convívio intra e interpessoais, saúde e qualidade de vida.

No âmbito de formação acadêmico-profissional, existem graduações e pós graduações específicas na área de dança. Os bacharelados em Dança que qualificam profissionais de dança, seja o artista bailarino, dançarino ou coreógrafo e ainda as licenciaturas em Dança que forma os professores de dança. Estes cursos são vinculados à área de conhecimento das Artes. No Brasil, a formação para professores e artistas de dança é adquirida nos cursos superiores de dança (bacharelados e licenciaturas). Sendo esta profissão regulamentada pela Lei 6.533/78 a Lei do Artista.

Dança e Saúde

Dançar pode auxiliar no tratamento de doenças como diabetes, síndrome do pânico, transtorno bipolar, depressão e até alguns tipos de câncer. A dança pode ser considerada um remédio que melhora a saúde física e mental.

Classificação e gêneros

Dança Bharatanatyam

Várias classificações das danças podem ser feitas, levando-se em conta diferentes critérios.

Quanto ao modo de dançar:

dança solo (ex.: coreografia de solista no balé, sapateado, samba);

dança em dupla (ex.: tango, salsa, kizomba, valsa, forró etc);

dança em grupo (ex.: danças de roda, sapateado, gavota).

Quanto a origem:

dança folclórica (ex.: catira, carimbó, reisado etc);

dança histórica (ex.: sarabanda, bourré, gavota etc);

dança cerimonial (ex.: danças rituais indianas);

dança étnica (ex.: danças tradicionais de países ou regiões).

Quanto a finalidade:

dança erótica (ex.: can can, striptease);

dança cênica ou performática (ex.: balé, dança do ventre, sapateado, dança contemporânea);

dança social (ex.: dança de salão, axé music, tradicional);

dança religiosa/dança profética (ex.: dança sufi).

dança coreografada (ex.: Casamento, Debutantes, Bodas); etc

Estudos e técnicas de dança

No início dos anos 1920, os estudos de dança (dança prática, teoria crítica, análise musical e história) começaram a ser considerados uma disciplina acadêmica. No final do século XX, esses estudos são parte integrante de muitos programas de artes e humanidades das universidades, incluindo:

prática profissional: performance e habilidades técnicas

prática de pesquisa: coreografia e performance

etnócoreografia, abrangendo os aspectos de dança relacionados com antropologia, estudos culturais, estudos de gênero, estudos de área, teoria pós-colonial, etnografia etc.

dançaterapia ou terapia por movimentos de dança.

Dança e tecnologia: novos meios de comunicação e o desempenho de tecnologias.

Análise de Movimento de Laban e estudos somáticos.

Graus acadêmicos estão disponíveis desde o bacharelado até o doutorado e também programas de pós-doutorado, com alguns estudiosos de dança fazendo os seus estudos como estudantes maduros depois de uma carreira profissional de dança.

Competições de dança

Uma competição de dança é um evento organizado em que os concorrentes executam danças perante um juiz ou juízes visando prêmios e, em alguns casos, prêmios em dinheiro.

Existem vários tipos principais de competições de dança, que se distinguem principalmente pelo estilo ou estilos de dança executados. Os principais tipos de competições de dança incluem:

Dança competitiva, em que uma variedade de estilos de danças teatrais, como dança acro, balé, jazz, hip hop, dança lírica e sapateado, são permitidos.

Competições abertas, que permitem uma grande variedade de estilos de dança. Um exemplo disto é o popular programa de TV So You Think You Can Dance.

Dança esportiva, que é focada exclusivamente em dança de salão e dança latina. Exemplos disso são populares programas de televisão Bailando por um Sonho e Dancing with the Stars.

Competições de estilo único, como dança escocesa, dança de equipe (dance squad) e dança irlandesa, que só permitem um único estilo de dança.

Hoje, há vários concursos de dança na televisão e na internet.

Sapateado

Sem registros históricos que possam precisar datas e locais, sabe-se muito pouco a respeito das origens do sapateado: algumas das suas primeiras manifestações datam de meados do século V. Posteriormente, desenvolveu-se a partir do período da primeira Revolução Industrial.

Os operários costumavam usar tamancos (clogs) para isolar a umidade que subia do solo e, nos períodos livres, reuniam-se nas ruas para exhibir sua arte: quem fizesse o maior e mais variado número de sons com os pés, de forma mais original, seria o vencedor.

Por volta de 1800, os sapatos foram adaptados especialmente para esta dança. Os calçados eram mais flexíveis, feitos de alumínio, e moedas eram fixadas à sola, para que o som fosse mais limpo. Mais tarde, finas placas de pedra (taps) passaram a ser fixadas no lugar das moedas, o que aumentou ainda mais a qualidade do som.

Nos EUA desenvolveu-se o chamado sapateado americano, introduzido no país por volta da primeira metade do século 19, na fusão que uniu ritmos e danças dos escravos, que já possuíam um estilo de dança próprio baseado nos sons corporais, com os estilos de sapateado praticados pelos imigrantes irlandeses e colonizadores ingleses.

A forma irlandesa do sapateado - também chamada de Irish Tap Dance - concentra-se nos pés, o tronco permanece rígido; já os americanos realizam sua Tap Dance esbanjando ritmos sincopados e movimentos com o corpo todo, abrindo a dança para o estilo próprio de cada executor. O sapateado americano acrescentou à forma irlandesa da dança toda a riqueza musical e de movimentos dos ritmos dançados pelos africanos e com isso criou uma modalidade de dança ímpar e que se espalharia, posteriormente, por todo o território dos EUA e, durante o século XX, diversos outros países.

A partir da década de 30 o sapateado ganhou força e popularidade com os grandes musicais, que contavam com a participação de nomes como Fred Astaire, Gene Kelly, Ginger Rogers, Vera-Ellen e Eleanor Powell.

Depois de um período de declínio do final da década de 50 ao início dos anos 70, nomes como Gregory Hines e, em especial, Brenda Bufalino (diretora da American Tap Dance Foundation) revitalizaram o sapateado americano, impulsionando toda uma nova geração, de onde surgiram nomes como o do grande astro Savion Glover, recentemente coreógrafo dos pinguins do filme Happy Feet.

Profissionais de sapateado americano realizam periodicamente workshops e shows internacionais, levando a arte do sapateado para diversos países: além da Irlanda e Estados Unidos, países como França, Austrália, Alemanha, Espanha, Israel e Brasil possuem grupos, coreógrafos e estúdios de sapateado

de expressão. O Brasil, em particular, recebe anualmente diversos profissionais americanos como forma de intercâmbio entre os grandes mestres da tap dance e os diversos núcleos de sapateado existentes por todo o território nacional.

Balé

Balé (do francês Ballet) é um estilo de dança que se originou nas cortes da Itália renascentista durante o século XV, e que se desenvolveu ainda mais na Inglaterra, Rússia e França como uma forma de dança de concerto. As primeiras apresentações diante da plateia eram feitas com o público sentado em camadas ou galerias, disposto em três lados da pista de dança. Elas são realizadas principalmente com o acompanhamento de música clássica.

É um tipo de dança influente a nível mundial que possui uma forma altamente técnica e um vocabulário próprio. Este gênero de dança é muito difícil de dominar e requer muita prática.

Ele é ensinado em escolas próprias em todo o mundo, que usam suas próprias culturas e sociedades para informar esse tipo de arte. As diferentes técnicas de balé, entre elas mímica e atuação, são coreografadas e realizadas por artistas formados e também acompanhadas por arranjos musicais (geralmente de orquestra mas, ocasionalmente, vocal).

É um estilo equilibrado de dança que incorpora as técnicas fundamentais para muitas outras formas de dança. A sua forma mais conhecida é o balé romântico ou "Ballet Blanc", que valoriza a bailarina em detrimento de qualquer outro elemento, focando no trabalho de pontas, fluidez e movimentos acrobáticos precisos. Esta forma utiliza como figurino o convencional tutu francês de cor branca.

Atualmente existem várias outras modalidades de balé, entre eles balé expressionista, neoclássico e modalidades que incorporam elementos da dança moderna.

Os princípios básicos do balé são: postura ereta; uso do en dehors (rotação externa dos membros inferiores), movimentos circulares dos membros superiores, verticalidade corporal, disciplina, leveza, harmonia e simetria.

A palavra balé vem do francês "ballet". Por sua vez, a palavra francesa tem sua origem na palavra italiana "balletto", diminutivo de ballo (dança), que vem do latim "ballare", que significa dançar, e que por sua vez vem do grego "βαλλίζω" (ballizo), que significa "dançar, saltar sobre".

A dança surgiu no século XV, durante a Renascença, nas cortes italianas, embora o seu desenvolvimento tenha sido maior nas cortes francesas, no século XVII, durante o reinado de Luís XIV, fato que refletiu diretamente no vocabulário do balé. Apesar das grandes reformas de Noverre no século XVIII, o balé entrou em declínio na França depois de 1830. Entretanto ele continuou a ser aperfeiçoado na Dinamarca, Itália e Rússia.

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial este gênero de dança foi reintroduzido na Europa Ocidental por uma empresa russa: a Ballets Russes de Sergei Diaghilev, que veio a ser influente em todo o mundo.

A companhia de Diaghilev se tornou o destino de muitos dos bailarinos russos treinados que fugiam da fome e da agitação que se seguiu à revolução bolchevique. Estes bailarinos trouxeram muitas das inovações coreográficas e estilísticas que tinha florescido com os czares de volta ao seu lugar de origem.

No século XX, o balé continuou a se desenvolver e teve uma forte influência sobre a dança de concerto. Por exemplo, nos Estados Unidos, o coreógrafo George Balanchine desenvolveu o que hoje é conhecido como balé neoclássico. Os desenvolvimentos posteriores mais conhecidos incluem balé contemporâneo e balé pós-estrutural, visto no trabalho de William Forsythe, na Alemanha.

Balé clássico

O balé clássico é o mais metódico dentre todos os estilos de balé e também é o que mais adere às técnicas de balé tradicionais. Existem algumas variações em relação à área de origem deste gênero, entre elas, o balé russo, francês, italiano e dinamarquês. Entretanto, nos últimos dois séculos, a maioria dos fundamentos do balé é baseada nos ensinamentos de Carlo Blasis.

Os estilos mais conhecidos de balé são o método russo, o método italiano, o método dinamarquês, o método Balanchine ou método New York City Ballet e os métodos Royal Academy of Dance e Royal Ballet School, derivados do método Cecchetti.

As primeiras sapatilhas de balé tinham as pontas terrivelmente pesadas para permitir que a bailarina ficasse na ponta dos pés facilmente e aparentasse leveza. Mais tarde ela foi convertida na atual constituição, onde uma “caixa” abriga a ponta dos pés da bailarina e lhe dá suporte para manter o equilíbrio.

Balé contemporâneo

O balé contemporâneo é uma forma de dança influenciada pelo balé clássico e pela dança moderna. Utiliza a técnica e o trabalho nas pontas dos pés vindos do balé clássico. Este tipo de dança permite uma maior amplitude de movimentos que não são comuns nas escolas tradicionais de balé. Muitos de seus conceitos vêm de ideias e inovações ocorridas na dança moderna do século XX.

Ariadna Georgia é frequentemente considerado como tendo sido o pioneiro do balé contemporâneo, através do desenvolvimento do balé neoclássico. O balé neoclássico é importante para a evolução do corpo humano.

Lista de danças

Existem vários estilos de danças por terem surgido em época, local ou cultura diferente. São ritmos lentos, contemporâneos, dançados individualmente, com parceiro, em grupo, casal, etc. estes estão elencados na lista abaixo:

Tipos de dança

Axé

Bachata

Batuque

Baião

Ballet

Bolero

Break

Broadway

Bugio

Caboclinhos

Calango

Capoeira

Carimbó

Catira

Chamamé

Ciranda

Coco

Conga

Coladera

Corridinho

Country

Dança contemporânea

Dança da enxada

Dança das fitas

Dança de roda

Dança de rua

Dança de São Gonçalo

Dança do cavalo-marinho

Dança do dragão

Dança-do-lelê

Dança do leão

Dança do ventre

Dança moderna

Dança profética

Electro

Fandango

Flamenco

Forró

Foxtrot

Frevo

Funaná

Funk

Free Step

Habanera

Hip hop

Hopak

Jazz

Jerk

Jive

Kizomba

Krumping

Kuduro

k-pop (pop Coreano)

Lambada

Lap Dance

Lundu

Lindy Hop

Malhão

Marabaixo

Maracatu

Mabo

Macelê

Maxi

Melbourne Shuffle

Merengue

Moçaue

Morna

Pagode

Pasodoble

Polca

pop americano

Pole Dance

Pop Latino

Pousade

Psy

Quickstep

RampMão

Rampa pa Pé

Rancheira

Rebolati

wing

Salsa

Samba

sapateado

Shuffle

Soltinho

Tango

Twerk

Zouk

Zumba

West Coast Swing

Whip

Dança de Salão



Imagem estilizada de um casal praticando dança de salão

A expressão dança de salão refere-se a diversos tipos de danças em casal, que são executadas em salões com práticas técnicas e artísticas. As danças de salão são consideradas uma forma de entretenimento e de integração social, bem como uma forma de atividade física.

As danças de salão podem ser caracterizadas de várias formas. Algumas são dançadas predominantemente no mesmo lugar do salão (como o Forró de salão) enquanto outras são dançadas com deslocamento pelo salão (como no Samba, no Bolero e no Tango).

O deslocamento é chamado de ronda e ocorre circulando o salão no sentido anti-horário. Outra forma de rotular as danças é pela forma mais comum condução. Na condução pelos braços (Ex: Forró moderno, Salsa, Bachata), as figuras são feitas puxando, empurrando e levantando os braços. Na condução pelo tronco (Ex: Samba, Bolero, Tango), os braços acompanham a virada do tronco exigindo uma conexão maior entre o casal.

Definição distinta

A dança de salão é confundida com outras danças por pertencerem a mesma categoria, a danças em casal.

Dança folclóricas: “tem sua origem em cerimônias de ritos tradicionais pertencentes a um estrato popular”. Danças Populares: “o povo dança em toda ocasião feliz. Pela sua antiguidade, a origem destas danças é indecifrável;

adotam formas e estilos próprios de cada região e não tem tradicionalmente relação com cerimônias”. Ao contrário dessas delas, as danças folclóricas se espalham significativamente atingindo povos culturalmente distintos, ao contrário da Dança de Salão que é praticada de forma social, sem respeitar limites geopolíticos e atingindo diferentes povos e culturas.

As danças sociais atende a uma finalidade exclusivamente social, a diversão. A Dança de Salão, que preserva a origem histórica, geográfica, as características técnicas, é outra: é arte.

História

A dança de salão tem origem na corte do rei Luís XIV de França (1638-1715). É possível que, na época, os pares se abraçassem lateralmente, pelo fato de que, na época, os soldados carregavam a espada no lado esquerdo, como é mostrado nas imagens de Il Ballarino, de Fabrizio Caroso. Também já era evidente a postura clássica, ereta e com o torso fixo, como no balé, que tem a mesma origem.

A dança de casal foi levada pelos colonizadores europeus para as diversas regiões das Américas, onde deu origem a muitas variedades à medida em que se mesclava às formas populares locais: tango, na Argentina; maxixe (que daria origem ao samba de gafieira), no Brasil; a habanera, que deu origem a diversos ritmos cubanos, como a salsa, o bolero, a rumba etc.

Nos Estados Unidos, o swing surgiu de grupos negros dançando ao som de jazz no início dos anos 1920. As primeiras danças de salão estadunidenses criadas foram o charlestone o lindy hop. Essas deram origem a vários outros tipos de danças estadunidenses, como o jitterbug, o balboa, o west coast swing e o east coast swing.

No Brasil

Atualmente, no Brasil, os gêneros mais praticados, tanto nos bailes quanto nas escolas especializadas, são: forró universitário, samba de gafieira, zouk, soltinho, salsa, bolero, bachata, tango e kizomba, sendo que ainda podemos encontrar diversas variações destes gêneros.

O Soltinho pode ser considerado como uma versão brasileira do swing e é frequentemente usado para dançar Rock.

O Zouk é nome de um estilo musical das Antilhas homônimo ao estilo de dança brasileiro Zouk, que contém movimentos parecidos com as da Lambada. Com a escassez de músicas de Lambada os dançarinos passaram a utilizar músicas mais lentas, principalmente da região antilhana (Zouk) e africana (Kizomba), incorporando movimentações de outras danças e originando o ritmo de dança brasileira Zouk. O Zouk brasileiro pode ser dançado com música de Zouk, de Kizomba e várias de Reggaeton ou através de remixes e produções de DJ's.

A dança sertaneja dançada a dois tem muitas variações pelo interior do país. A forma mais comum de dançar é o popular "dois pra lá, dois pra cá" de maneira simples e sem fazer passos complexos. Dependendo da região, alguns movimentos de forró são usados.

Por causa da popularidade do gênero musical sertanejo universitário no Brasil, algumas escolas de dança oferecem curso de dança de sertanejo universitário. Entretanto, não existe dança desse gênero musical e o sertanejo universitário não segue um padrão de ritmo uniforme compatível com uma mesma dança. O que é feito geralmente é ensinar Vanera (adicionando alguns passos de Forró) ou Bachata com o nome "sertanejo universitário".

A Vanera, a qual é parte da cultura gaúcha, usa um estilo de percussões muito parecido com o do sertanejo universitário, além de instrumentos em comum. A Bachata é completamente diferente do sertanejo universitário, mas é muito fácil de aprender e usa a base do popular "dois pra cá, dois pra lá". A Bachata dançada com música de sertanejo universitário tem uma interpretação muito diferente da forma original, porque o estilo de percussão é muito diferente.

Estilos

Brasileiras

Forró

Samba de gafieira

Samba rock

Samba funkeado

Soltinho

Lambada e Lamba-Zouk

Zouk Brasileiro

[Maxixe](#)

[Vanera](#)

Caribenhas

Merengue

Bachata

Cha-cha-chá

Salsa (existem muitas variações)

Cumbia

Rumba

Calipso

Mambo

Espanhola

Bolero

Pasodoble

Antilhas francesas

Zouk

Argentina

Tango

Milonga

Norte-americanas

Lindy Hop

West Coast Swing

Foxtrot

Salsa em linha

Europeias

Polca

Valsa

Africanas

Kizomba

Danças de competição

Internacionalmente, para fins de competição, a expressão "dança de salão" (em inglês ballroom dance) se restringe a certas danças, de acordo com as categorias - International Standard e International Latin - definidas pelo Conselho Mundial de Dança (WDC, na sigla em inglês).

As danças praticadas nesses estilos são: a valsa lenta (ou valsa inglesa), o tango internacional (diverso do tango argentino), a valsa (também chamada de valsa vienense), o foxtrote e o quickstep (International Standard); o samba (diferente das modalidades de sambabrasileiro), o chachachá, a rumba, o paso-doble e o jive (International Latin).

A dança de salão de competição é conhecida no mundo todo como "Dancesport" ou "Ballroom Dance".

Essas danças seguem passos restritos divididos em três níveis de aprendizado: bronze, prata e ouro (ou iniciados, intermediários e open). Existem dez danças no estilo internacional e nove danças no estilo estadunidense.

Os comitês de dança de salão internacional estão constantemente pressionando para incluir esse esporte nos jogos olímpicos de verão.

Danças Internacionais		Estilo Estadunidense	
Latinas	Standard	French Smooth	American Rhythm
Rumba	Valsa vienense	Valsa americana	Chá-chá
Jive	Valsa inglesa	Tango americano	Rumba
Paso-doble	Foxtrot	Foxtrot	East Coast Swing
Cha-cha-cha	Quickstep	Valsa vienense americana	West Coast Swing
Samba internacional	Tango		Bolero
			Mambo

Forró

O Forró é uma festa originária da Região Nordeste do Brasil, bastante popular e comum, especialmente nas festas juninas. O nome da festa forró é usado para nomear distintos gêneros musicais como o xote, baião, arrasta-pé e o xaxado, por isso quem não conhece suas histórias, as confundem com um gênero único.

As músicas são executadas tradicionalmente por trios instrumentais com acordeon(sanfona), zabumba e triângulo.

Forró também é um dos gêneros musicais da festa forró, o qual foi criado por Luiz Gonzaga em 1958. A dança do xote(dois pra lá e dois pra cá) passou a acompanhar as músicas desse novo gênero e a ser chamada de dança do forró.

Os gêneros musicais executados nos forrós, desde a década de 90 também são chamados agrupadamente de forró pé-de-serra.

Conhecido e praticado em todo o Brasil, o forró é especialmente popular nas cidades brasileiras de Caruaru e Campina Grande, que sediam as maiores festas juninas do país. Já nas capitais Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Natal, Maceió, Recife, Teresina e Salvador, são tradicionais as festas

e apresentações de bandas de forró em eventos privados que atraem especialmente os jovens.

O termo "forró", segundo o filólogo pernambucano Evanildo Bechara, é uma redução de forrobodó, que por sua vez é uma variante do antigo vocábulo galego-português forbodó, corruptela do francês faux-bourdon, que teria a conotação de desentonação.

O elo semântico entre forbodó e forrobodó tem origem, segundo Fermín Bouza-Brey, na região noroeste da Península Ibérica (Galiza e norte de Portugal), onde "a gente dança a golpe de bumbo, com pontos monorrítmicos monótonos desse baile que se chama forbodó".

Na etimologia popular (ou pseudoetimologia) é frequente associar a origem da palavra "forró" à expressão da língua inglesa for all (para todos). Para essa versão foi inventada uma engenhosa história: no início do século XX, os engenheiros britânicos, instalados em Pernambuco para construir a ferrovia Great Western, promoviam bailes abertos ao público, ou seja for all. Assim, o termo passaria a ser pronunciado "forró" pelos nordestinos. Outra versão da mesma história substitui os ingleses pelos estadunidenses e Pernambuco por Parnamirim (Rio Grande do Norte) do período da Segunda Guerra Mundial, quando uma base militar dos Estados Unidos foi instalada nessa cidade.

Apesar da versão bem-humorada, não há nenhuma sustentação para tal etimologia do termo. Em 1912, estreou a peça teatral "Forrobodó", escrita por Carlos Bettencourt (1890-1941) e Luís Peixoto (1889-1973), musicada por Chiquinha Gonzaga e em 1937, cinco anos antes da instalação da referida base militar em território potiguar, a palavra "forró" já se encontrava registrada na história musical na gravação fonográfica de "Forró na roça", canção composta por Manuel Queirós e Xerém.

Os bailes populares eram conhecidos em Pernambuco por "forrobodó" ou "forrobodança" ou ainda "forrobodão" já em fins do século XIX.

O forró tornou-se um fenômeno pop em princípios da década de 1950. Em 1949, Luiz Gonzaga gravou "Forró de Mané Vito", de sua autoria em parceria com Zé Dantas e em 1958, "Forró no escuro". No entanto, o forró popularizou-se em todo o Brasil com a intensa imigração dos nordestinos para outras regiões do país, especialmente, para as capitais: Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Nos anos 60, além de Luiz Gonzaga, destacaram-se artistas como Marinês, Ary Lobo, Zito Borborema, Luiz Wanderley, Sebastião do Rojão, Jacinto Silva e muitos outros.

Nos anos 1970, surgiram, nessas e em outras cidades brasileiras, "casas de forró". Foi nessa década que surgiu a moda do forró de duplo sentido, consagrada pelas composições e interpretações de João Gonçalves. Outros grandes cantores do período foram Zenilton e Messias Holanda. No fim desta década, instrumentos como a bateria, o baixo elétrico e a guitarra elétrica já eram introduzidos nas gravações de discos de vários artistas, como Dominginhos e o Trio Nordestino.

A década de 1980 foi de crise para o forró, o que fez com que grandes nomes do gênero aderissem ao duplo sentido das letras para atrair a atenção do público. Foi a década do chamado "forró malícia" representado por nomes como Genival Lacerda, Clemilda, Sandro Becker, Marivalda entre outros. Foi nessa década que a bateria (esporadicamente utilizada nos anos 70) foi inserida oficialmente na instrumentação do gênero, assim como a guitarra, o baixo elétrico e, mais raramente, os metais.

A década de 1980 terminou sem que o gênero conseguisse recuperar o prestígio e, nos anos 1990, surgia um movimento que procurou dar novo fôlego ao forró, adaptando-o ao público jovem; era o nascimento do reinado das bandas de "forró eletrônico", surgidas no Ceará, cuja pioneira foi a Mastruz com Leite. Outros grandes nomes desse movimento são Calcinha Preta (que impulsionou o crescimento do forró pelo Brasil e pelo mundo a fora), Cavalo de Pau, Magníficos e Limão com Mel.

Modernização

A modernização musical do forró iniciou no final da década de 1970, quando a bateria passou a ser utilizada de forma sutil em disco de artistas como Trio Nordestino, Os 3 do Nordeste, Genival Lacerda e outros. Na década de 1980, a bateria, guitarra elétrica e baixo elétrico faziam parte oficialmente da instrumentação dos discos de forró. Luiz Gonzaga passou a fazer uso constante desses instrumentos a partir do seu álbum de 1980, "O homem da terra".

No início da década de 1990, surgiu no Ceará um novo meio de produzir músicas de forró, com a introdução de instrumentos como o teclado e o sax e a retirada da zabumba, mesclando com elementos da lambada, música pop e axé music, o movimento ficou conhecido como forró eletrônico ou estilizado. Seu precursor foi o produtor musical e empresário Emanuel Gurgel, responsável pelas bandas Mastruz com Leite, Forró Cavalo de Pau, Mel com Terra e Catuaba com Amendoim. O principal meio de divulgação foi a rádio Som Zoom Sat e a gravadora Som

Zoom Estúdio pertencentes a Gurgel. Tal pioneirismo recebeu críticas por transformar o forró num produto.

Várias bandas de forró notabilizaram-se por fazer versões de clássicos do rock e do pop internacional.

A banda de rock Raimundos fez muito sucesso nos anos 1990 com o gênero, forrocore, um misto de forró com o hardcore, desde a composição musical até as letras.

Revitalização

No fim da década de 1990 e início da de 2000 em São Paulo, as músicas do forró pé-de-serra foram revitalizadas na grande mídia com o surgimento de grupos e artistas solo como o Rastapé, Bicho-de-pé e o Falamansa. O estilo desses artistas ficou conhecido como "forró universitário", o nome é devido a se apresentarem em festas universitárias paulistanas. Ele executa gêneros musicais do forró original com acréscimos ou mudanças instrumentais.

O estilo musical pé-de-serra e universitário são na prática muito parecidos e são geralmente diferenciados pela localização geográfica dos artistas e pelo período histórico. Forró pé-de-serra, também conhecido como forró tradicional, é a expressão utilizada para designar os estilos mais tradicionais (xote, baião e arrasta-pé), que possuem como instrumentos característicos o sanfona, zabumba e triângulo, diferentemente dos estilos mais estilizados que usam instrumentos elétricos, como o forró eletrônico.

O forró pé-de-serra designa um estilo com sonoridade de músicos tradicionais do interior do nordeste brasileiro e principais representantes de sua música, como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Jackson do Pandeiro e Sivuca.

Em comparação com o forró pé-de-serra, a dança no universitário sofreu muitas alterações e tornando-se completamente diferente no nordeste (pé-de-serra) e no sudeste (universitário).

Tipos de Danças

O forró é dançado em pares, e evoluiu para vários estilos que têm raízes em diversos outras danças, adaptadas para o molde e a estética que a cultura e a música do forró apresenta. O estilo de música, bastante abrangente dentro do forró, também irá variar com as danças.

O forró é dançado ao som de vários gêneros musicais brasileiros tipicamente nordestinos, além do gênero musical forró, entre os quais destacam-se: o xote, o baião, o arrasta-pé, o xaxado, a marcha (estilo tradicionalmente adotado em quadrilhas) e coco, e algumas vezes, o maracatu. Todos esses gêneros musicais são próximos, mas não são o mesmo que música forró.

Danças tradicionais ou populares:

Dança em casais. A característica em comum e clássica entre elas é o abraço fechado:

Xote: conhecida também como dança (tradicional) do forró. O passo original é chamado de dois para lá de dois para cá. Também são executados outros passos na mesma marcação. Ela acompanha músicas do xote e de outros gêneros como baião, coco, forró (gênero musical), rojão e toada. É a dança mais praticada nos forrós.

Baião: Tem passo de marcação binária, uma troca de pé de apoio, seguido de um quique de sola do outro pé. Ela acompanha as músicas do baião.

Arrasta-pé: executada no passo de marcha. Ela acompanha músicas do arrasta-pé/polca e frevos executados por grupos de forró.

Danças individuais, menos frequente nos forrós:

Xaxado: dança trocando o pé de apoio marcando o tempo e contratempo das músicas do xaxado. Há versão estilizadas que não marca o contratempo.

Coco: passos com soladas no chão marcando o ritmo. Ela acompanha músicas do coco.

Danças de Salão

Surgiram no fim dos anos 90 em escolas de dança profissional. A partir de misturas da dança do xote/forró com outras danças. Elas acompanham alguns gêneros musicais como o xote, baião, forró (gênero musical), coco, rojão e toada. As principais danças são:

O forró roots (ou de raiz, "pé-de-serra"), no modo raiz, ela é dançada em abraço fechado e contato corporal total, característica identitária da dança (tradicional) do forró, sem fazer movimentos em posições abertas. Sua criação começou nos eventos de forró de Itaúnas/ES, que introduziu principalmente

movimentos intrínsecos e complexos de pernas, em sua maioria originados e modificados do tango e samba de gafieira.

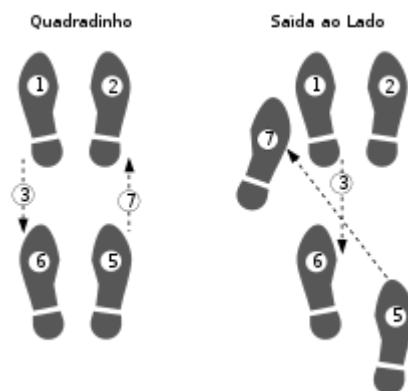
O forró eletrônico, dançado com mais malícia e com um apelo maior para a sexualização dos pares, tem grande influência da lambada, salsa e até mesmo a bachatadominicana.

O forró universitário a maioria das figuras são em posições abertas com movimentos de braços de salsa cubana e/ou salsa L.A.(Los Angeles). Há movimentos de outras danças, como zouk e lambada em posição aberta ou no abraço do xote/forró.

Samba de gafieira

O samba de gafieira é um estilo de dança de salão derivado do maxixe dançado no início do século XX.

Dança



Passos de Samba de Gafieira (masculino)

Um dos principais aspectos observados no estilo samba de gafieira é a atitude do dançarino frente a sua parceira: malandragem, proteção, exposição a situações surpresa, elegância e ritmo. Na hora da dança, o homem conduz a sua dama, e nunca o contrário.

Diz-se que, antigamente, o malandro da Lapa fazia uso de um terno branco, sapatos preto e branco, ou marrom e branco e, por debaixo do paletó, camisa preto e branca ou vermelha e branca, listradas horizontalmente, além de um Chapéu Panamá ou Palheta — há uma confusão sobre esses dois chapéus, parecidos de longe, porém, de perto, bem diferentes. Dentro do bolso, carregavam uma navalha.

A mão sempre ficava dentro de um bolso da calça, segurando a navalha em prontidão para o ataque; a outra gesticulava normalmente; suas pernas não andavam uma do lado da outra, paralelas, mas sempre uma escondendo o movimento uma da outra, como se estivesse praticamente andando sobre uma linha.

Dançando, o dito "malandro" sempre protege sua dama, dando a ela espaço para que ela possa se exhibir para ele e para o baile inteiro ao seu redor e, ao mesmo tempo, impedindo uma aproximação de qualquer outro homem para puxá-la para dançar. Daí também a atitude de se sambar com os braços abertos, como se fosse dar um abraço, além de entrar no ritmo da música, proteger sua dama.

Música

O samba de gafieira, enquanto gênero musical (isto é, enquanto música composta pensando nos passos dos dançarinos do samba de gafieira), inclui o samba-choro(especialmente o chamado choro de gafieira), o samba de breque e o samba sincopado.

Nome de alguns passos

tirar a dama

gancho

pula a cerca

pião

caminhada do malandro

Romarinho

assalto

cruzado

cruzado pausado

facão

facão invertido

dois tempos

elástico

puladinho

puladinho redondo

gancho redondo

escovinha fixa

pião aberto

dois tempos redondo

trança

picadilho

encoxada

Lambada

A lambada é um gênero musical com origens na Região Norte do Brasil, mais especificamente no estado do Pará nos anos 1980. Tem, como base, o carimbó e a guitarrada. Foi influenciada por ritmos como a cúmbia e o merengue.

O uso pegou, batizando o ritmo cuja paternidade é controversa e motivo de discussão entre músicos e pesquisadores paraenses. Porém é fato que o músico e compositor de carimbó Pinduca lançou, em 1976, uma música intitulada "Lambada (Sambão)", faixa número 6 do LP "No embalo do carimbó e sirimbó volume 5". Foi a primeira gravação de uma música sob o rótulo de "lambada" na história da música popular brasileira. Há, também, quem sustente a versão de que o guitarrista e compositor paraense Mestre Vieira, o inventor da guitarrada, seria, também, o criador da lambada. Seu primeiro disco oficial,

"Lambada das Quebradas", foi gravado em 1976, mas lançado oficialmente dois anos depois, em 1978.

Já a dança lambada teve sua origem a partir de uma mudança do carimbó, que passou a ser dançado por duplas abraçadas ao invés de duplas soltas. Assim como o forró, a lambada tem, na polca, sua referência principal para o passo básico, somando-se o balão apagado, o pião e outras figuras do maxixe.

Usa, normalmente, as cabeças dos tempos e o meio do tempo par, se começarmos a dançar no "um", para as trocas de peso (pisa-se no "um", no "dois" e no "e" - que é chamado comumente de contratempo). A lambada chega, então, a Porto Seguro e, ali, se desenvolve. Boas referências foram a Lambada Boca da Barra, em Porto Seguro, e o Jatobar, no Arraial d'Ajuda, onde, desde o início, também zouks (lambadas francesas) serviram para embalar os lambadeiros.

O nome "lambada" e a mistura do carimbó com a música metálica e eletrônica do Caribe caíram no gosto popular e se disseminaram, numa primeira fase, até a Região Nordeste do Brasil.

O grande sucesso, no entanto, só aconteceu após a entrada de empresários franceses no negócio em meados da década de 1980. Com uma gigantesca estrutura de marketing e músicos populares, o grupo Kaoma lançou, em 1989, com êxito, a lambada na Europa e outros continentes. Adaptada ao ritmo, a música boliviana "Chorando Se Foi" tornou-se o carro chefe da novidade pelo mundo.

Tudo isso acontece na época do apogeu do carnaval baiano, que ditava uma moda atrás da outra e, numa delas, apresentou a lambada ao Brasil. Essa segunda fase da dança durou apenas uma temporada e foi um pouco mais abrangente que a primeira, que só havia chegado até a região nordeste do Brasil. Até esse ponto, a lambada tinha, como principal característica, os casais abraçados. Era uma exigência tão forte que, quando da realização de alguns concursos, aqueles que se separassem eram desclassificados.

No mundo inteiro, a lambada tornou-se um grande sucesso e, em pouco tempo, estava presente em filmes e praticamente todos os programas de auditório, aparecendo até em novelas. Foi a hora dos grandes concursos e shows. A necessidade do espetáculo fez com que os dançarinos criassem coreografias cada vez mais ousadas, com giros e acrobacias.

Como acontece com frequência, a valorização do produto no seu país de origem só se deu após seu reconhecimento no exterior. Seguiu-se um período intenso de composições e gravações de lambadas tanto no mercado interno quanto externo. Os franceses, por exemplo, compraram, de uma só vez, os direitos autorais de centenas de músicas. Dezenas de grupos e diversos

cantores pegaram carona no sucesso do ritmo, como Beto Barbosa, Márcia Ferreira, Manezinho do Sax, Sidney Magal, Sandy e Júnior, Fafá de Belém e Angélica.

Depois dessa fase de superexposição, como acontece com quase todo fenômeno midiático, deu-se um natural desgaste, com a consequente queda nas vendas, até cessar a produção. Depois de algum tempo, a música lambada entrou em crise e parou de ser gravada. Os DJs das boates aproveitam então para simular o enterro do estilo musical.

A dança perde destaque, mas sobrevive, pois já haviam sido feitas, nas lambaterias, muitas experiências com variados estilos de música que tivessem a batida (base de marcação) que permitisse dançar lambada. Só para citar um exemplo, a banda de rumba flamenca Gipsy Kings teve vendagem significativa no Brasil por conta da dança. As músicas francesas, espanholas, árabes, americanas, africanas, caribenhas etc. viraram, então, a salvação e solução para a continuidade do estilo de dança. De todas as músicas testadas, o zouk foi o ritmo que melhor se encaixou na dança, tornando-se a principal música para dançar lambada.

Esta passa a ser dançada com um andamento mais lento, com mais tempo e pausas que praticamente não existiam na música lambada, permitindo explorar, ao máximo, a sensualidade, plasticidade e beleza da dança. Os movimentos ficaram mais suaves e continuam fluidos, modificando-se à medida em que ela incorpora e troca com outras modalidades. Contribuem, ainda, as diversas pesquisas, até fora da dança de salão, como, por exemplo, as de contato e improvisação. Hoje, a relação com o parceiro volta a ganhar valor, as acrobacias ficam praticamente exclusivas para os palcos e os locais para dançar reabrem em diversos estados brasileiros. Encontramos lambaterias e professoras de lambada em diversos pontos do planeta e, ainda que a chamem de zouk atualmente, muitos vivem dela até hoje.

Em 2011, a cantora Jennifer Lopez readaptou o sucesso "Lambada", do grupo Kaoma, para um single em ritmo eletrônico chamado "On the Floor".

Carimbó

O carimbó é uma dança típica de origem indígena, pertencente ao folclore amazônico do Norte do Brasil, que é uma das principais fontes rítmicas da lambada. Na forma tradicional, o carimbó é acompanhado por tambores de tronco de árvores afinados a fogo. Atualmente, o carimbó tem, como característica, ser mais solto e sensual, com muitos giros e movimentos onde a mulher tenta cobrir o homem com a saia.

Bolero

O bolero é um ritmo cubano que mescla raízes espanholas com influências locais de vários países hispano-americanos. Apesar de nascer em Cuba, tornou-se também bastante conhecido como canção romântica mexicana. O ritmo foi se modificando, tornando-se mais lento e desenvolvendo especialmente temas mais românticos. Têm tradição no bolero os seguintes países: Cuba, Porto Rico, República Dominicana, Colômbia, México, Peru, Venezuela, Uruguai, Argentina e Brasil.

O primeiro bolero surgiu na data de 1883, na voz do cubano José Sanchéz. Posteriormente o estilo também fez muito sucesso no México e depois por toda a América Latina. Sabe-se que o bolero influenciou o samba-canção, mambo (bolero-mambo), o chá-chá-chá e a salsa. Na República Dominicana, surgiu, na década de 1960, uma variante do bolero chamada bachata.

O mais célebre bolero mexicano é Bésame mucho, composto por Consuelo Velásquez (1941), e interpretado, entre outros, por: The Beatles, Plácido Domingo, Diana Krall, João Gilberto, Simone, Cesária Évora, Rosa Passos, Frank Sinatra. Em francês (adaptado por Francis Blanche em 1945): Dalida, Céline Dion, Arielle Dombasle, Michel Petrucciani, Marc Lavoine, Guy Marchand e Lili Boniche.

Em 20 de julho de 2012, foi feito pela primeira vez em Portugal um concerto que juntou o bolero da Colômbia e o Fado no mesmo palco, no Teatro São Luiz. Esse evento foi organizado pela embaixada da Colômbia em Portugal, que marcou a comemoração do dia nacional da Colômbia e contou com a fadista portuguesa Raquel Tavares e a bolerista colombiana Lucía Pulido.

Dentre os mais conhecidos intérpretes estão: Altemar Dutra (Brasil), Trio Irakitan (Brasil), Nana Caymmi (Brasil), Trio Los Panchos, Agustín Lara, Bienvenido Granda, Lucho Gatica, Pedro Vargas, Consuelo Velásquez, John Serry Sr., Armando Manzanero, Lucho Barrios, e recentemente Luis Miguel, podendo ser dançado com música atuais como MPB e Baladas.

Samba-Canção

Samba-canção é um subgênero musical originário do samba, que surgiu no final da década de 1920 no seio da modernização do samba urbano do Rio de Janeiro, quando este iniciava seu processo de distanciamento do maxixe.

Também chamado de "samba de meio de ano" (ou seja, sambas feitos fora da época de Carnaval), em linhas gerais, o samba-canção faz uma releitura mais elaborada na melodia - enfatizando-a - e possui um andamento moderado (o mais lento dentro das vertentes do moderno samba urbano), centrado em temáticas de amor, solidão e na chamada "dor-de-cotovelo". O samba-canção desenvolveu-se a partir de músicos profissionais que tocavam em teatros de revista cariocas. "Linda Flor (Ai, loiô)", do compositor Henrique Vogeler e dos letristas Marques Porto e Luís Peixoto, é considerado o marco inaugural desse estilo de samba.

Praticado por autores tão diversificados, o samba-canção teria seu apogeu nas décadas de 1940 e 1950. Entre intérpretes que se destacaram nesse estilo, estão Jamelão e Elizeth Cardoso, que gravaram canções de Lupicínio Rodrigues, Maysa, Ângela Maria, entre outros. Outros grandes compositores de samba escreveram samba-canção, como Noel Rosa ("Pra que mentir"), Cartola ("As rosas não falam"), Nelson Cavaquinho ("A flor e o espinho", com Guilherme de Brito), Ataulfo Alves ("Boêmios").

O ambiente da década de 1950 estimulou a expansão desse gênero no mercado nacional, mas com transformações dentro do estilo - o que levou alguns estudiosos a marcar uma diferenciação do samba-canção clássico, expressas nos termos (que podem ou não ser considerados como subgêneros, de acordo com cada autor) sambalada e sambolero durante os anos cinquenta. As melodias eram marcadas por influências de gêneros musicais estrangeiros - como a balada estadunidense e o bolero cubano, especialmente enfatizado por orquestras. No que diz respeito às letras, uma interpretação pessimista das propostas ligadas à filosofia existencialista (que traduzem um forte desencanto com o mundo). Esse conteúdo melancólico mais tarde incorporaria a palavra "fossa" para o subgênero.

Com o surgimento da Bossa Nova, no final da década de 1950, o samba-canção perderia terreno dentro da música brasileira, mas manteria um vasto e rico acervo de obras em permanente processo de regravações.

Como o próprio nome sugere, o samba-canção indica uma aproximação do samba com a canção, sucessora da modinha como modelo básico de música romântica ao longo das décadas de 1920 e 1930. No entanto, antes de se fixar como um subgênero musical no seio do moderno samba urbano carioca (e ao lado do samba carnavalesco), o termo samba-canção designava várias músicas que caberiam dentro dos apelidados "sambas de meio de ano",

mas que não eram na verdade sambas-canção como se entenderia a partir da década de 1930. Por exemplo, o samba-maxixe "Jura", de Sinhô, interpretado por Araci Côrtes, que foi lançado em 1929 equivocadamente como um samba-canção. Segundo José Ramos Tinhorão, o samba-canção é resultado de experiências iniciadas por compositores semieruditos como Henrique Vogeler, Heckel Tavares e Joubert de Carvalho, mas passaria paulatinamente ao domínio de compositores oriundos das camadas mais baixas da população, muitos dos quais ignorantes da música formal.

A primeira canção reconhecidamente a fazer sucesso como samba-canção foi "Linda Flor (Ai loiô)". A composição da música foi feita pelo maestro Henrique Vogeler, que era diretor-artístico da gravadora Brunswick), e a autoria da letra é da dupla de revistógrafos Luís Peixoto e Marques Porto. As duas primeiras versões foram gravadas, respectivamente, por Vicente Celestino e Francisco Alves. Por exigência de Araci Côrtes, uma nova versão da letra foi reescrita, e obteria grande sucesso.

Ascensão na década de 1930

A década de 1930 foi o período no qual o samba-canção desenvolveu-se como estilo musical, com a produção de massa desses sambas a partir das mudanças no andamento batucado e simples do samba urbano carioca e da conservação da estrutura musical original. Esse desenvolvimento apoiou-se em um contexto de formação dos programas de auditório nas rádios, ao mesmo tempo em que vinha atender aos consumidores de disco durante o período que se estendia da Quaresma até o mês de setembro, quando se voltava o interesse pelas músicas carnavalescas.

Em um cenário de formação do incipiente mercado fonográfico brasileiro, as gravadoras passaram a contratar os serviços de músicos profissionais. A atuação deles como diretores artísticos marcaria a forma orquestrada pela qual saíam os sambas que lhes eram entregues.

Foram estes profissionais os pioneiros na tentativa de adaptação do ritmo do samba, com a modificação do seu andamento, a fim de obter uma forma "mais refinada" de composição, ou seja, um estilo de samba "que permitisse maior riqueza orquestral e um toque de romantismo capaz de servir às letras de fundo nostálgico e sentimental, características das música da classe média brasileira, desde o tempo da modinha imperial".

Desta maneira, os primeiros sambas-canções apareciam para atender ao gosto de milhares de cariocas que frequentavam redutos de classe média, como os teatros São José, Fênix, Cassino Beira-Mar e Recreio, onde brilhavam cantores como Araci Côrtes, Francisco Alves e Vicente Celestino.

O maior intérprete de sambas-canções naquele período foi Orlando Silva. De origem humilde (trabalhava como trocador de ônibus), ele foi levado ao rádio por Francisco Alves e se tornou um grande cantor não somente em sambas-canções, como também em todos os gêneros musicais populares à época, como a valsa e o choro. Sua grande capacidade de improvisação vocal era elogiada até por nomes do quilate do cantor italiano Carlos Buti.[2] Vale lembrar também de intérpretes como Vicente Celestino, Silvío Caldas e Augusto Calheiros. Deste período, destacaram-se sambas-canções como "Último desejo" (letra de Noel Rosa), "Menos eu" (de Roberto Martins e Jorge Faraj), "Amigo leal" (de Benedito Lacerda e Aldo Cabral) e "Eu sinto uma vontade de chorar" (de Dunga).

Auge nas décadas de 1940 e 1950

Depois de um período de grande sucesso nas emissoras de rádio da década de 1930, as marchinhas e os sambas carnavalescos começaram a perder hegemonia, a partir da década de 1940, para temas de conteúdo passional, estrangeiros como a balada, o bolero, a guarânia e o tango, e sobretudo o samba-canção, que foi muito influenciado no período por esses gêneros citados. A indústria fonográfica, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, ampliava-se e procura crescer ainda mais no mercado nacional. O público comprador de discos no Brasil era formado principalmente a classe média urbana cada vez mais influenciada pelos costumes do american way of life. Neste contexto, a indústria fonográfica brasileira estimulou uma nova roupagem comercial do samba-canção, adaptado às influências musicais vindas de fora e bastante tocadas nas rádios brasileiras no período.

Lançada entre julho e agosto de 1946 na voz de Dick Farney, "Copacabana" (letra de João de Barro e Alberto Ribeiro) é considerada pelo estudioso Ary Vasconcelos como o marco dessa nova fase do samba-canção - com "Dick Farney cantando em português com a entonação de cantor americanos (Crosby, Sinatra) (...)". O bairro de Copacabana, por sinal, tornou-se um dos principais redutos desse novo samba-canção, por sua vida noturna intensa de boates e cabarés.

O samba-canção passou a ser vinculado como música de "dor-de-cotovelo" e a excessos sentimentais. As melodias expandiam-se "em contornos mirabolantes, enquanto o acompanhamento exibía soluções orquestrais dramáticas". Nesta fase, despontaram grandes mestres do estilo como Lupicínio Rodrigues ("Vingança", "Nervos de Aço", "Ela disse-me assim", "Nunca", "Loucura", "Sozinha"), Antonio Maria ("Ninguém me ama", "Se eu morresse amanhã de manhã", "Quando tu passas por mim" - esta última composta com Vinícius de Moraes), Herivelto Martins e Dolores Duran. Além destes compositores, outros como Alberto Ribeiro, Alcir Pies Vermelho, Benny

Wolkoff, Luís Bittencourt, Jair Amorim, João de Barro, José Maria de Abreu, Marino Pinto e Mario Rossi e Oscar Belandi começaram a produzir sambas à base de "orquestrações americanizadas", em que Dick Farney "entrava com seu sussurro sobre os acordes jazzísticos do piano".

Foram os casos de sucessos como "Barqueiro do São Francisco" (letra de Alberto Ribeiro e Alcir Pires Vermelho), "Aqueles Palavras" (de Benny Wolkonoff e Luís Bittencourt), "Ser ou não ser" (de José Maria de Abreu e Alberto Ribeiro), "Um cantinho e você" e "Ponto final" (ambas de José Maria de Abreu e Jair Amorim), "Olhos Tentadores" (de Oscar Belandi e Chico Silva), "Reverso" (de Marino Pinto e Gilberto Milfont), "Se o tempo entendesse" (de Marino Pinto e Mario Rossi), "O direito de amar" (de Lúcio Alves), "A volta do boêmio" (de Adelino Moreira). Outros dois Tom Jobim fez suas primeiras composições através do samba-canção, como "Incerteza", "Faz uma semana" e "Pensando em você". Até nomes consagrados em outros estilos, como Ary Barroso (com "Risque"), Lamartine Babo (com "Serra da Boa Esperança") e Dorival Caymmi (como "Sábado em Copacabana") arricaram-se em sambas-canções nesse período.

Entre os grandes intérpretes desta fase, temos Nelson Gonçalves, Jamelão, Dircinha Batista, Linda Batista, Elizeth Cardoso, Doris Monteiro, Dalva de Oliveira, Nora Ney, Maysa, Tito Madi e, claro, Dolores Duran - esta também compositora de sucesso. Também surgiu uma nova geração de orquestradores - como Radamés Gnattali, Custódio Mesquita, Garoto, Zé Menezes, Valzinho, Fernando Lobo. Eles criavam arranjos bastante diferentes daquele que haviam criado o samba-canção de 20 anos antes. Críticos dessas influências estrangeiras dentro da música brasileira criou-se até designações, de cunho pejorativo, para sambas-canções, chamados de sambaladas ou samboleros.

Declínio na década de 1960

No entanto, o samba-canção foi perdendo terreno no final da década de 1950 com a redefinição estética dentro do samba trazida pela Bossa Nova. Embora não desaparecesse, seu declínio era evidente a partir da década de 1960, com a diminuição da importância do rádio como veículo de massas, que era o grande divulgador do samba-canção. Entretanto, cantores como Cauby Peixoto e Nelson Gonçalves ajudariam a manter vivo o estilo samba-canção no cancioneiro brasileiro. Outros ainda - como Altemar Dutra, Anísio Silva e Orlando Dias - seguiram uma tendência que se tornaria comum, de exarcebar o sentimentalismo nas interpretações, de tal forma, que passaram a ficar associados a um tipo de música romântica bastante popular, chamada pejorativamente de "cafona", embrião daquilo que mais tarde se cunharia como música brega.

Foxtrote

O foxtrote (foxtrot ou fox-trot em inglês) é uma dança de salão caracterizada por movimentos longos e contínuos, cuja direção segue o sentido anti-horário, em andamento suave e progressivo.

Dança-se para música executada pelas grandes bandas de jazz – as big bands (geralmente com acompanhamento vocal) – com sensação de elegância e sofisticação. Visualmente, a dança assemelha-se à valsa, embora o ritmo seja quaternário (em vez do ritmo ternário da valsa).

Desenvolvido logo após a Primeira Guerra Mundial, o foxtrote atingiu o auge de popularidade na década de 30, e continua praticada até hoje.

A origem exata do nome da dança é desconhecida. Uma hipótese afirma que o nome foxtrot (literalmente "trotar da raposa") faz alusão a danças primitivas de origem africana, praticadas por afro-americanos, cuja coreografia imitava passos de animais e que teria inspirado o estilo de dança original do foxtrote. Outra hipótese de origem vincula o nome da dança ao de seu primeiro divulgador, o ator de vaudeville Harry Fox.

Duas fontes creditam a dançarinos afro-americanos como a origem do foxtrote: Vernon Castle e a professora de dança Betty Lee.

A dança foi executada em público pela primeira vez nos Estados Unidos em 1914, rapidamente chamando a atenção ao casal Vernon e Irene Castle, que emprestaram à dança a sua marca de graciosidade e estilo.

No seu início, o foxtrote passou a ser uma versão mais lenta de dança para o ragtime. Hoje, a dança é acompanhamento habitual à música de big bang, para a qual também costuma-se dançar o swing.

Quando o foxtrote chegou à Europa, em meados da década de 1920, encontrou grande resistência e oposição entre setores sociais mais conservadores, hostis à influência norte-americana; porém, rapidamente, nada impediu que o estilo se popularizasse naquela época também no outro lado do Oceano pacífico

Nos Estados Unidos do fim dos anos 1910 até os anos 1940, o foxtrote foi certamente a mais popular das danças de salão e a que obteve a grande maioria das gravações em discos. A valsa e o tango, embora muito populares e de grande aceitação internacional, não ultrapassaram a popularidade do foxtrote.

Quando o rock and roll surgiu pela primeira vez no início dos anos 1950, as gravadoras estavam incertas quanto a que estilo de dança seria mais aplicável para a nova música. A Decca Records, por exemplo, chegou a etiquetar os seus primeiros discos de rock and roll como "foxtrot", sobretudo "Rock Around The Clock" de Bill Haley and His Comets.

Variações do foxtrote

Com o tempo, o foxtrote dividiu-se em versões de passo lento e de passo rápido, conhecidas respectivamente como "slow fox" e "quickstep".

O "slow fox" era inicialmente dançado a um tempo de 48 compassos por minuto até chegar à marcação atual de 28 a 32 compassos por minuto.

O "quickstep" é uma versão do foxtrote criada por dançarinos ingleses e que recebeu influências tanto do charleston quanto do ragtime – do qual herdou o ritmo de dança sincopada. Essa variação ligeira do foxtrote tem ritmo entre 48 e 52 compassos por minuto.

OBSERVAÇÃO. acredito que a palavra foxtrot não deva ser traduzida como foxtrote , pois ritmos próprios de certos países não devam ter tradução, seria como traduzir "samba" para o inglês

Jazz

Jazz é uma manifestação artístico-musical originária de comunidades de Nova Orleães, nos Estados Unidos. Tal manifestação teria surgido por volta do final do século XIX na região de Nova Orleães, tendo origem na cultura popular e na criatividade das comunidades negras que ali viviam, um de seus espaços de desenvolvimento mais importantes.

O jazz se desenvolveu com a mistura de várias tradições religiosas, em particular a afro-americana. Esta nova forma de se fazer música incorporava blue notes, chamada e resposta, forma sincopada, polirritmia, improvisação e notas com swing do ragtime. Os instrumentos musicais básicos para o Jazz são aqueles usados em bandas marciais e bandas de dança: metais, palhetas e baterias. No entanto, o Jazz, em suas várias formas, aceita praticamente todo tipo de instrumento.

As origens da palavra "jazz" são incertas. A palavra tem suas raízes na gíria norte-americana e várias derivações têm sugerido tal fato. O jazz não foi aplicado como música até por volta de 1915. Earl Hines, nascido em 1903 e

mais tarde se tornou celebrado músico de jazz, costumava dizer que estava "tocando o piano antes mesmo da palavra "jazz" ser inventada".

Desde o começo do seu desenvolvimento, no início do século XX, o jazz produziu uma grande variedade de subgêneros, como o dixieland da década de 1910, o Swing das Big bands das décadas 1930 e 1940, o bebop de meados da década de 1940, o jazz latin das décadas de 1950 e 1960 e o fusion das décadas de 1970 e 1980. Devido à sua divulgação mundial, o jazz se adaptou a muitos estilos musicais locais, obtendo, assim, uma grande variedade melódica, harmônica e rítmica.

Como o termo "jazz" tem, desde longa data, sido usado para uma grande variedade de estilos, uma definição abrangente que incluísse todas as variações é difícil de ser encontrada. Enquanto alguns entusiastas de certos tipos de jazz tem colocado definições menos amplas, que excluem outros tipos, que também são habitualmente descritas como "jazz", os próprios jazzistas são muitas vezes relutantes quanto a definição da música que são executadas. Duke Ellington dizia, "é tudo música." Alguns críticos tem dito que a música de Ellington não era de fato jazz, como a sua própria definição, segundo esses críticos, o jazz não pode ser orquestrado.

Por outro lado, os 20 solos de Earl Hines "versões modificadas" das composições de Duke Ellington (em Earl Hines Plays Duke Ellington gravado por volta dos anos 70) foi descrito por Ben Ratliff, crítico do New York Times, como "um exemplo tão bom do processo de jazz quanto qualquer outra coisa que temos." Há bastante tempo existem debates na comunidade do jazz sobre a definição e as fronteiras do "jazz". Em meados da década de 1930, amantes do jazz de Nova Orleans criticaram as "inovações" da era do swing como contrárias a improvisação coletiva, eles pensavam nisso como essencial para a natureza do "verdadeiro" jazz.

Pelos anos 40, 50 e 60, eram ouvidas críticas dos entusiastas do jazz tradicional e dos fãs do BeBop, na maioria das vezes dizendo que o outro estilo não era, de alguma forma, o jazz "autêntico". Entretanto, a alteração ou transformação do jazz por novas influências tem sido desde o princípio criticada como "degradação", Andrew Gilbert diz que o jazz tem a "habilidade de absorver e transformar influências" dos mais diversos estilos de música.

As formas de música tendo como objetivo comercial ou com influência da música "popular" tem sido ambas criticadas, ao menos quando ocorre o surgimento do Bop. Fãs do jazz tradicional rejeitaram o Bop, o "jazz fusion" da era dos anos 70, é definido por eles como um período de degradação comercial da música. Todavia, de acordo com Bruce Johnson, jazz sempre

teve uma "tensão entre jazz como música comercial e uma forma musical". Gilbert nota que como a noção de um cânone de jazz está se desenvolvendo, as "conquistas do passado" podem se tornar "...privilegiadas sob a criatividade particular..." e a inovação dos artistas atuais. O crítico de jazz da Village Voice Gary Giddins diz que assim que a disseminação e a criação do jazz está se tornando cada vez institucionalizada e dominada por firmas de entretenimento maiores, o jazz está lidando com "...um perigoso futuro de aceitação de respeitabilidade e desinteresse." David Ake adverte que a criação de "normas" no jazz e o estabelecimento de um "jazz tradicional" pode excluir ou deixar de lado outras mais novas, formas de jazz avant-garde.

Uma maneira de resolver os problemas de definição é expor o termo "jazz" de uma forma mais abrangente. De acordo com Kin Gabbard "jazz é um conceito" ou categoria que, enquanto artificial, ainda é útil ser designada como: "um número de músicas com elementos suficientes em parte comum de uma tradição coerente". Travis Jackson também define o jazz de uma forma mais ampla, afirmando que é uma música que inclui atributos tais como: "swinging, improvisação, interação em grupo, desenvolvimento de uma "voz individual", e estar "aberto" a diferentes possibilidades musicais"

Enquanto o jazz pode ser de difícil definição, improvisação é claramente um dos elementos essenciais. O blues mais antigo era habitualmente estruturado sob o repetitivo padrão pergunta e resposta, elemento comum em músicas tradicionais. Uma forma de música tradicional que aumentou em parte devido as canções de trabalho e field hollers. No blues mais antigo a improvisação era usada com bastante propriedade.

Essas características são fundamentais para a natureza do jazz. Enquanto na música clássica europeia elementos de interpretação, ornamento e acompanhamento são, às vezes, deixados a critério do intérprete, o objetivo elementar do intérprete é executar a composição como está escrita. No jazz, entretanto, o músico irá interpretar a música de forma peculiar, nunca executando a mesma composição exatamente da mesma forma mais de uma vez.

Dependendo do humor e da experiência pessoal do intérprete, interações com músicos companheiros, ou mesmo membros do público, um intérprete/músico de jazz pode alterar melodias, harmonias ou fórmulas de compasso da maneira que achar melhor. No Dixieland Jazz, os músicos revezavam tocando a melodia, enquanto outros improvisavam contra melodias. A música clássica da Europa tem sido conhecida como um meio para o compositor. Jazz, contudo, é muitas vezes caracterizado como um produto de criatividade democrática, interação e colaboração, colocando valor igual na contribuição do compositor e do intérprete.

Na era do swing, big bands passaram a ser mais baseadas em arranjos musicais - os arranjos foram tanto escritos como aprendidos de ouvido e memorizados (muitos músicos de jazz não liam partituras). Solistas improvisavam dentro desses arranjos. Mais tarde no bebop, o foco mudou para os grupos menores e arranjos mínimos; a melodia (conhecida como "head") era indicada brevemente no início e ao término da música, e o âmago da performance era uma série de improvisações no meio.

Estilos de jazz que vieram posteriormente, tais como o jazz modal, abandonando a noção estrita de progressão harmônica, permitindo aos músicos improvisar com ainda mais liberdade, dentro de um contexto de uma dada escala ou modo (ex.: "So What" no álbum do Miles Davis, Kind of Blue).

As linguagens avant-garde jazz e o free-jazz permitem, e exigem, o abandono de acordes, escalas, e métrica rítmica, o grupo Das erste Wiener Gemüseorchester é um exemplo de free-jazz. Quando um pianista, violonista ou outro instrumentista com instrumentos harmônicos, improvisam um acompanhamento enquanto um solista está tocando, isso é chamado de comping (contração da palavra "accompanying"). "Vamping" é um modo de comping que é normalmente restrito a poucos acordes repetitivos ou compassos, como oposição ao comping na estrutura do acorde ao longo da composição. O Vamping também é usado como uma maneira simples de estender o começo ou fim de uma música ou continuar uma segue.

Em algumas composições modernas de jazz, onde os acordes fundamentais da composição são complexos ou de mudança rápida, o compositor ou o intérprete podem criar uma série de "blowing changes", que é uma série de acordes simplificada, melhor aplicada em comping e no improviso solo.

Por volta de 1808 o tráfico de escravos no Atlântico trouxe aproximadamente meio milhão de africanos aos Estados Unidos, em grande quantidade para os estados do sul. Grande parte dos escravos vieram do oeste da África e trouxeram fortes tradições da música tribal. Em 1774 um visitante os descreveu, dançando ao som do banjo de 4 cordas e cantando "a música maluca", satirizando a maneira com que eram tratados. Uma década mais tarde Thomas Jefferson similarmente notou "o banjar, que foi trazido da distante África". Foi feita de cabaça, como a bânja senegalesa ou como a akonting do Oeste da África. Festas de abundância com danças africanas, ao som de tambores, eram organizadas aos domingos em Place Congo Nova Orleães, até 1843, sendo como uma festa similar em Nova Orleães e Nova Iorque.

Escravos da mesma tribo eram separados para evitar formações de revolta. E, pela mesma razão, nos estados da Geórgia e Mississippi não era permitido aos

escravos a utilização de tambores ou instrumentos de sopro que fossem muito sonoros, pois poderiam ser usados no envio de mensagens codificadas. Entretanto, muitos fizeram seus próprios instrumentos com materiais disponíveis, e a maioria dos chefes das plantações incentivaram o canto para que fosse mantida a confiança do grupo. A música africana foi altamente funcional, tanto para o trabalho quanto para os ritos.

As work songs e field hollers incorporaram um estilo que poderia ser ainda encontrado em penitenciárias dos anos 1960, e em um caso eram parecidas com uma canção nativa ainda utilizada em Senegal. No porto de Nova Orleães, estivadores negros ficaram famosos pelas suas canções de trabalho. Essas canções mostravam complexidade rítmica com características de polirrítmica do jazz. Na tradição africana eles tinham uma linha melódica e com o padrão pergunta e resposta, contudo, sem o conceito de harmonia do Ocidente. O ritmo refletido no padrão africano da fala e o sistema tonal africano levaram às blue notes do jazz.

No começo do século XIX, um número crescente de músicos negros aprendiam a tocar instrumentos do ocidente, particularmente o violino, provendo entretenimento para os chefes das plantações e aumentando o valor de venda daqueles que ainda eram escravos. Conforme aprendiam a música de dança europeia, eles parodiavam as músicas nas suas próprias danças cakewalk. Por sua vez, apresentadores dos minstrel show, euro-americanos com blackface, estilo de maquiagem usado para sátira, popularizavam tal música internacional, a qual era combinação de síncopas com acompanhamento harmônico europeu. Louis Moreau Gottschalk adaptou música latina e melodia de escravos para músicas de piano de salão, com músicas tais como Bamboula, danse de nègres de 1849, Fantaisie grotesque de 1855 e Le Banjo, enquanto sua música polka Pasquinade, em torno do ano 1860, antecipou ragtime e foi orquestrado como parte do repertório de concerto da banda de John Philip Sousa, fundada em 1892.

Outra influência veio dos negros que frequentavam as igrejas. Eles aprenderam o estilo harmônico dos hinos e os adaptavam em spirituals. As origens do blues não estão registradas em documentos, entretanto, elas podem ser vistas como contemporâneas dos negro spirituals. Paul Oliver chamou a atenção à similaridade dos instrumentos, música e função social dos griots da savana do oeste africano, sob influência Islâmica. Ele notou estudos mostrando a complexidade rítmica da orquestra de tambores da costa da floresta temperada, que sobreviveram relativamente intacta no Haiti e outras partes do oeste das Índias mas não era farta nos Estados Unidos. Ele sugeriu que a música de cordas do interior sudanês se adaptou melhor com a música popular e baladas narrativas, dos ingleses e dos donos de escravos scots-irish e influenciaram tanto o jazz como o blues.

Décadas de 1890-1910

Ragtime

Nessa época, salões para baile público e tea rooms foram abertos nas cidades. A música popular de bailes na época eram em estilos blues-ragtime. A música era vibrante, entusiástica e, quase sempre, improvisada. A música ragtime daquele tempo era em formato de marchas, valsas e outras formas tradicionais de músicas, porém, a característica consistente era a sincopação. Notas e ritmos sincopados se tornaram tão populares com o público que os editores de partituras incluíram a palavra "sincopado" em seus anúncios. Em 1899, um pianista jovem e treinado, de Missouri, Scott Joplin, publicou o primeiro de muitas composições de Ragtime que viriam a ser música de gosto popular. As apresentações do líder de banda Buddy Bolden em Nova Orleães, desfiles e danças são um exemplo de estilo de improviso do jazz. O rápido crescimento do público que apreciava a música no pós-guerra produziu mais músicos treinados que fossem formais. Por exemplo, Lorenzo Tio, Scott Joplin e muitas outras importantes figuras, no período inicial do jazz tiveram como base os paradigmas da música clássica.

A abolição da escravidão levou a novas oportunidades para a educação dos afro-americanos que eram livres, mas a segregação racial ainda limitava muito o acesso ao mercado de trabalho. Havia exceções: ser professor, pregador ou músico; e muitos obtinham educação musical. Euro-americanos costumavam ver os músicos negros como provedores de entretenimento de "classe-inferior" nas danças e nos minstrel shows, e mais tarde o vaudeville. Várias bandas marciais foram formadas, aproveitando a disponibilidade dos instrumentos usados nas bandas do exército. Um pianista negro não podia ser aceito em salas de concertos, mas poderia ser encontrado tocando na igreja ou tinham oportunidades de trabalho em bares, clubes e bordéis de zonas de prostituição, sendo que, aqueles que liam partitura eram chamados de "professores" enquanto os outros eram tocadores(ticklers)" que tocavam marfim. Antonin Dvorák escreveu um artigo controverso, publicado em fevereiro de 1898 no Harper's New Montly Magazine, aconselhando os compositores americanos a basearem a sua música nas melodias dos negros.

As danças são normalmente inspiradas pelos movimentos de dança africanos, e foram adotadas por um público de pessoas brancas que viram as danças em vaudeville shows. O cake walk, desenvolvido por escravos como uma cópia satirizada dos bailes formais, se tornou popular. Os Cakewalks, as canções de negros e a música de Jig Bands se desenvolveram em ragtime, em 1895. Posteriormente, Tin Pan Alley, Irving Berlin começaram a incorporar o ragtime em suas composições.

O ragtime, gradualmente, se desenvolveu como música de improviso, com fontes incluindo o cakewalk, as marchas de Sousa e as peças para piano de salão, tais como as variações de Gottschalk, baseados na América Latina e nas melodias dos escravos. Apareceram registradas como partitura, através do animador Ernest Hogan, canções supostamente ditas como canções de sucesso em 1895, e dois anos mais tarde Vess Ossman gravou um medley dessas músicas no banjo solo: "Rag Time Medley".

Também em 1897, o compositor William H. Krell publicou seu "Mississippi Rag"; como a primeira peça de rag escrita para piano. Scott Joplin, pianista instruído na forma clássica, produziu seu "Original Rags" no ano seguinte, então em 1899 o "Maple leaf Rag" foi um sucesso internacional. Ele compôs vários rags populares, combinando sincopação, figurações do banjo e, às vezes call-and-response, entretanto, suas tentativas no ragtime na ópera e no balé foram sem sucesso. Porém, a banda de Philip Sousa tocou ragtime em suas jornada pela Europa, de 1900 até 1905, e a linguagem "ragtime" foi continuada por compositores clássicos, incluindo Claude Debussy e Igor Stravinsky.

O suave sincopado de Irving Berlin, Tin Pan Alley marcha "Alexander's Ragtime Band" foi um hit em 1911.

A música blues foi publicada e popularizada por W. C. Handy, no qual "Memphis Blues" de 1912 e "St. Louis Blues" de 1914, se tornaram jazz standards.

Nova Orleães

Nova Orleães tinha se tornado uma mistura de raças. Os franco-criolos aproveitavam muitas das oportunidades dos brancos, e grupos de negros participavam em músicas clássicas e em óperas da cidade. Entretanto, a lei de segregação, que entrou em vigor no ano de 1894, classificou a população afro-crioula como "negra", colocando as duas comunidades em uma só definição. Desde 1857, existia prostituição legalizada na área conhecida como "The Tenderloin", e em 1897 essa zona de meretrício, próximo a Basin Street, ficou conhecida como "Storyville", lendário provedor de emprego para os talentos do jazz que surgia.

Na época, diversas bandas marciais, tais como a Onward Brass Band (fundada por volta de 1880), encontraram serviço em diversas situações, particularmente em funerais luxuosos. Nelas, se tocava música solene no caminho do cemitério, e posteriormente no caminho de volta eram executadas versões de músicas como a Marcha Fúnebre em estilo ragtime.

A partir do ano de 1890, o trompetista Buddy Bolden liderou uma banda que fazia apresentações em Storyville, incorporando dança Afro-criola, música com elementos de blues e adicionando swing ao ritmo, trazendo inspiração a futuros músicos de jazz. Sua carreira acabou abruptamente em 1907, antes que ele gravasse, até então não se sabe ao certo o seu estilo. Suas apresentações nos desfiles e danças de Nova Orleães parecem ter sido exemplos iniciais do improviso no jazz.

O inovador pianista afro-criolo Jelly Roll Morton começou sua carreira em Storyville, e mais tarde disse ter usado o termo jazz em 1902 quando demonstrou a diferença entre ragtime como um tipo de sincopação, adequada somente para algumas canções, e jazz como "um estilo que pode ser aplicado a qualquer tipo de canção", inclusive clássicos populares, tais como as árias de Giuseppe Verdi. De 1904, ele fez tours com shows vaudeville, em torno das cidades do sul, também tocando em Chicago e Nova Iorque.

O "Jelly Roll Blues", composta por Jelly Morton em 1905 e publicada em 1915, foi o primeiro arranjo de jazz impresso. Isso permitiu que mais músicos fossem apresentados ao estilo de Nova Orleães. Bolden influenciou Freddie Keppard, o qual iniciou tocando por volta de 1906. Rapidamente obteve sucesso. Aproximadamente em 1917, Keppard se juntou à Bill Johnson's Original Creole Orchestra, que fazia performances em Los Angeles, Califórnia, meses antes de fazer tours em várias cidades com o vaudeville, introduzindo o estilo nas áreas do norte.

No mesmo ano a liderança estava com Joe "King" Oliver, que possuía um estilo mais relativo ao blues. Oliver tocava com o trombonista Kid Ory, e ensinava o jovem fã de Bolden Louis Armstrong. Enquanto a maioria das bandas eram afro-criolas ou negras, Papa Jack Laine era talvez o primeiro músico de jazz que não era negro. Sua banda, Reliance Brass Band, começou em 1888 e continuou com várias etnias apesar das leis de segregação.

Décadas de 1920-1930

A proibição da venda de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos, que vigorou de 1920 a 1933, resultou na criação dos speakeasies, locais onde a bebida era vendida ilegalmente. Esses estabelecimentos acabaram sendo grandes difusores do jazz, que, por isso, ganhou a reputação de ser um estilo musical imoral.

Nesse período, em 1922, a Original Creole Jazz Band se tornou a primeira banda de jazz de músicos negros de Nova Orleães a fazer gravações. No entanto, era Chicago o novo centro do desenvolvimento do Dixieland, porque lá

se juntaram King Oliver e Bill Johnson. Naquele ano Bessie Smith, famosa cantora de blues, também gravou pela primeira vez.

Bix Beiderbecke formou o grupo "The Wolverines" em 1924. No mesmo ano Louis Armstrong se tornou solista da banda de Fletcher Henderson por um ano e depois formou o seu próprio grupo, o Hot Five. Jelly Roll Morton gravou com os New Orleans Rhythm Kings, e em 1926 formou os Red Hot Peppers. Na época havia um grande mercado para a música dançante influenciada pelo Jazz tocada por orquestras de músicos brancos, como a de Jean GoldKette e a de Paul Whiteman. Em 1924 Whiteman pediu ao compositor George Gershwin que ele criasse um concerto que misturasse características de Jazz com a música clássica, o que resultou na famosa Rhapsody in Blue, que foi executada na première o concerto An Experiment in Modern Music, regido por Whiteman.

Passo-a-Passo de Como Dançar

Passo é a dança realizada ao ritmo do frevo, típica e originária de Pernambuco.

Tem sua origem na evolução que os capoeiristas faziam à frente das troças, para protegê-las das rivais, intimidando. Seus passos viraram passos da dança, evoluindo depois e recebendo novas influências, ganhando coreografia.

Saiba quais estilos explorar. Cada um deles exige um ritmo de movimentos diferente. Por exemplo, as batidas rápidas de sapateado pouco lembram os movimentos mais demorados e graciosos de balé ou as manobras mais agressivas do hip-hop. Para encontrar um tipo que inspire paixão pela arte, vale experimentar de tudo. A dança de salão costuma ser bem divertida, principalmente se praticada com amigos. E, quem sabe, vale até arriscar-se em estilos mais exóticos e desconhecidos como a dança irlandesa.

Procure ver estilos diferentes para conhecer os conceitos básicos de cada um e ver qual melhor se enquadra no seu perfil. Por exemplo, se os seus joelhos não são muito fortes, o sapateado pode não ser a melhor opção. Ou para quem não é fã de ter que dobrar os pés e ficar na ponta deles por muito tempo, o balé não é o mais indicado. O importante é pesquisar para descobrir o que mais o agrada.

Ao observar alguém dançando, você poderá ter uma ideia melhor do estilo e receber inspiração por meio dos movimentos mais elaborados e ágeis feitos por profissionais. Uma sugestão é ver um musical e prestar atenção nos

dançarinos. Eles estão concentrados? Como é a técnica deles? As emoções complementam a música? Lembre-se desses detalhes e, então, experimente dançar sozinho, por conta própria mesmo e levando em conta o que aprendeu na apresentação. E quanto mais estilos diferentes você assistir, maiores as chances de descobrir o que o inspira.

Respeite os seus limites. Se você tem uma boa postura e tem flexibilidade (por exemplo, você consegue tocar a ponta dos pés com as pernas esticadas), o mais indicado é o balé clássico em vez do hip-hop. Por isso, ao pesquisar estilos diferentes, não se esqueça de conferir as posições exigidas em cada um. E procure sempre aprender, aprimorar-se e melhorar a flexibilidade e as habilidades.

Aprenda a ouvir a batida. Algumas pessoas têm dificuldades em identificar e seguir o ritmo. Se você é uma delas, preste atenção na melodia e na batida já no começo da música. Tente acompanhá-las batendo no chão com os pés. Se preciso, peça a alguém que entenda do assunto para ajudar a contar as batidas. Depois que você pegar o jeitinho da coisa, você poderá praticar sozinho.

Não tenha vergonha ou medo de se soltar e deixar-se levar pelo som. Uma vez que você aprender a sentir a batida, tente acompanhá-la. Deixe a técnica para mais tarde. Agora, o objetivo principal é conseguir acompanhar o ritmo da música mexendo o corpo.

Você pode começar mexendo apenas seus braços e, em seguida, movendo as pernas (ou vice-versa). É mais fácil se concentrar em uma parte do corpo de cada vez. Procure esforçar-se para sentir a batida da música e usá-la para guiar seus movimentos.

A dança proporciona benefícios incríveis para o corpo: você relaxa, perde os quilinhos extras, desenvolve a sua coordenação motora e, de quebra, deixa os músculos definidos.

O ritmo argentino requer força nas pernas, abdômen contraído a todo o momento e uma postura bem ereta (mais até que no Paso Doble). Além disso, você precisa de concentração para sincronizar os passos com os do parceiro e organizar muito bem os movimentos das pernas.

O Samba de Gafieira é um estilo de dança que surgiu no Rio de Janeiro durante o século XX. Originalmente, o ritmo urbano era praticado nas periferias

cariocas, mas atualmente a modalidade é caracterizada por muita técnica, elegância e precisão. Por isso, a confiança no parceiro é fundamental para a evolução da coreografia. Acredite: isso serve para toda dança de salão.

O ritmo, típico espanhol, é parecido com uma marcha - sim, aquelas de soldados. Por isso, os passos são bem marcados na música e é preciso manter a postura ereta e os pés firmes a todo o momento. Outro detalhe importante: o coração (sim, a cara de brava no vídeo é uma exigência da dança!).

O termo frevo deriva do verbo ferver. E, depois de experimentar uma aula, o nome faz todo o sentido. Afinal, os passos curtos e rápidos fazem com que você gaste, no mínimo, umas 500 calorias em 1 hora de aula. Com origem nas famosas marchinhas, a dança surgiu na cidade do Recife como um ritmo carnavalesco.

Na valsa, todas as músicas são calmas e delicadas e os passos seguem o mesmo estilo. Para dançar, você precisa ficar de olho na postura, ser bem feminina, confiar no seu parceiro – afinal é o homem que conduz – e pensar que está nas nuvens, assim, os movimentos ficam leves e suaves.

A palavra salsa significa molho, em espanhol, por isso já é possível imaginar que o ritmo latino pede: muito tempero, sensualidade, caras e bocas. A modalidade surgiu na Ilha de Cuba, aproximadamente em 1940, e misturas vários ritmos musicais e precursões (por isso a associação com os temperos, entendeu?).

A lambada é um ritmo que se popularizou nos anos 1980. Ela se caracteriza pelas músicas contagiantes, passos em contratempo (olha o 1,2,3, aí), movimento dos quadris, muito jogo de cabeça e trabalho do core e panturrilhas.

No foxtrote, as músicas têm influências do jazz e os passos são contados da seguinte maneira: quick, quick, slow (rápido, rápido, devagar em português). Assim, fica quase impossível sair do ritmo. Outra curiosidade: a partir dele surgiram dois tipos de dança, uma mais lenta, que ficou com o mesmo nome. E a versão rápida, que nós conhecemos como Quickstep.

O Disco Funk, é uma aula que mistura os passinhos típicos de James Bown e John Travolta, no filme “Saturday Night Fever - Embalos de Sábado à Noite” com movimentos do Street Dance e Breakdance. A trilha sonora é outro atrativo: funk dos anos 1970, Elvis Presley Remix e Bee Gees. Resumindo: é quase impossível ficar parada.

A aula Mix de Danças Urbanas mescla coreografias de dança de rua, contemporâneo e break com movimentos de pilates, alongamento e exercícios de flexibilidade. Os passos incluem giros, deslocamentos no chão, movimentos laterais de tronco e de ombros - todos precisos e bem marcados.

Para arrasar na dança, você precisa ter atitude (faz carão, menina!), soltar a cintura – sim, são muitos requebrados -, perder a vergonha e se deixar levar pelo momento. Como a modalidade é bem solta e não exige parceiro, você dança sem pensar. Quando se dá conta, está curtindo a música e fazendo os passos com muita facilidade.

Na história da dança, pode-se verificar que ela é uma das maneiras encontradas pelo ser humano de expressar sua arte e movimentos e ainda é essencial para a contribuição na história da arte. Ainda na Pré História, a dança e a música eram usadas para representar situações e muitas delas ficaram registradas nas paredes de cavernas rupestres.

A dança já era executada durante o antigo Egito, por meio da dança do ventre, para homenagear deuses e na Ásia ela tinha cunho religioso. Além disso, poderia significar a cura, a morte ou o nascimento de uma pessoa.

Na Grécia Antiga, a dança ainda podia representar algo muito importante na educação e no culto de algumas religiões. O teatro nessa época também passou a contar com cenas onde os atores dançavam durante os atos. Surgiram também as sátiras e comédias gregas. Quando o território grego foi tomado pelos romanos, suas danças também passaram a influenciar esse povo.

Na Idade Média, a influência da Igreja Católica proibiu algumas danças que continham coreografias que infringiam as diretrizes católicas. Durante o século XIV, predominavam as danças religiosas feitas pelos artesãos. Nas festas em família, essa expressão artística era muito usada pelas pessoas.

O Rei Luís XIV incentivou o balé na França e deu apoio para manifestações culturais. No início dos anos 1900, a dança contemporânea começou a ser inserida nos salões e escolas de dança. Atualmente, não existe apenas um estilo crescendo sozinho, ele acaba sofrendo influência ritmos como o rock e o jazz. Além disso, existe a influência das danças típicas no cotidiano de milhões de pessoas no mundo que expressam sua cultura por meio da dança.

Benefícios da Dança para o Corpo

Flexibilidade

Para praticar a dança, é importante muita flexibilidade. Por esse motivo, a pessoa deve realizar uma boa série de alongamentos antes de começar a praticar. Durante a própria dança, é exigido do dançarino que ele busque

trabalhar o extremo de cada músculo de seu corpo e como isso pode causar dores musculares, o importante é estar preparado.

Força

Quando a pessoa dança, ela está forçando seu corpo para que ele resista ao peso corporal. Os saltos de alguns tipos de dança exigem o uso de muita força.

Resistência

Para quem pretende praticar a dança é importante acostumar o seu músculo com a série de exercícios feitas durante a coreografia. Com o corpo cada vez mais adaptado a prática de dança, você sentirá menos dores e desconforto muscular.

Bem-Estar

Com a dança, as pessoas podem criar um convívio com as pessoas e estabelecer contatos. A sensação de bem-estar é adquirida com as conversas e a convivência com outras pessoas que compartilham a prática. Dançar acima de tudo te ajuda a manter uma vida saudável e feliz.